

## Potência de ação da juventude em uma comunidade periférica: enfrentamentos e desafios

Young people's power of action in a peripheral community: confrontations and challenges

Danilo de Miranda Anhas<sup>1</sup>  
Carlos Roberto Castro-Silva<sup>1</sup>

**Abstract** *This article, based on doctoral research, aims to understand and draw attention to forms of social participation by young people living in a peripheral community on the coast of São Paulo State. It also examines the manners of health production encountered by the subjects themselves, to reveal how young people have approached this in a context of marked inequality. The young study participants were involved in the activities of an NGO and a hip hop group, where the researcher was placed. The results were constructed on the basis of observations recorded in field diaries and semi-structured interviews, and analysed using the Depth Hermeneutics methodology. They indicate that building community ties expresses the participation of young people and contributes to tackling inequalities and social exclusion. Participation in groups has proven potent and able to shape processes of autonomy, self-care and care for others. However, they appear as isolated initiatives by other institutions. It is also challenging to think of ways of understanding young people's participation, participating together with them in their lives in their contexts, making for horizontal relationships and surmounting the ideas of homogenisation, control and tutelage of this population.*

**Key words** *Social participation, Youth, Participatory research, Community, Health*

**Resumo** *O artigo baseia-se em uma pesquisa de doutoramento e tem como objetivo compreender e dar visibilidade a formas de participação social de jovens moradores de uma comunidade periférica localizada no litoral de São Paulo. Intenta também pensar a produção de saúde, encontrada pelos próprios sujeitos, buscando revelar como os jovens em contexto marcado pela desigualdade têm a enfrentado. Os participantes do estudo estavam envolvidos nas atividades de uma ONG e de um grupo de hip hop, onde se deu a inserção do pesquisador. Os resultados foram construídos, com base nas observações registradas em diários de campo e entrevistas semiestruturadas, e analisados segundo a metodologia da Hermenêutica de Profundidade. Apontam que a construção de vínculos comunitários expressa a participação dos jovens e contribuem no enfrentamento das desigualdades e exclusão. A participação nos grupos tem se mostrado potente e capaz de configurar processos de autonomia, cuidado de si e do outro. Entretanto, mostram-se como iniciativas isoladas de outras instituições. Consiste ainda um desafio pensarmos em formas de compreender a participação dos jovens, participando junto com ele de suas vidas em seus contextos, tornando horizontais as relações e superando a ideia de homogeneização, controle e tutela dessa população.*

**Palavras-chave** *Participação social, Juventude, Pesquisa participante, Comunidade, Saúde*

<sup>1</sup> Departamento de Gestão e Cuidados em Saúde, Universidade Federal de São Paulo. Av. Ana Costa 95, Vila Mathias. 11060-001 Santos SP Brasil.  
danilo-anhas@hotmail.com

## Introdução

A participação social é importante alicerce da democracia no sentido de construir permanentemente uma sociedade justa. A participação é canal imprescindível para consolidação de nosso Sistema Único de Saúde, por exemplo, através de instâncias participativas como os conselhos de saúde. Todavia há vários sentidos para o termo, devendo, portanto, ser compreendido em suas múltiplas faces. A participação concerne a relações sociais e é construída a partir de fatores subjetivos e objetivos, constituindo-se como ponto de partida para a intervenção, por parte dos indivíduos, em situações concretas e históricas<sup>1</sup>.

Estudos levantados por Boghossian e Minayo<sup>2</sup> mostram que os jovens têm encontrado normas, formas e possibilidades de articulação, mobilização e engajamento em diversos contextos sociais: políticos, lazer, artístico são alguns exemplos. Entretanto, um grande contingente de jovens pertence às camadas que sofrem com a exclusão e a desigualdade. Por isso, no caso da participação social de jovens, como as autoras apontam, ainda precisamos avançar.

A participação de jovens é apontada como necessária, pois há um ideário que exalta ideologicamente a juventude como aquela formada por sujeitos que têm o potencial de transformar a realidade social<sup>3</sup>. Entretanto, tratam-se de sujeitos sempre pensados a partir da relação de controle e tutela, dadas várias ideias correntes no tecido social de que os jovens representam ameaças, riscos e vulnerabilidades<sup>4</sup>. Em suma: [...] as políticas públicas de juventude não seriam apenas o retrato passivo de formas dominantes de conceber a condição juvenil, mas poderiam agir, ativamente, na produção de novas representações<sup>5</sup>.

Adolescentes e jovens possuem muitos direitos garantidos em lei. Entretanto, a própria falta de consenso sobre conceitos como adolescência e juventude geram imprecisões na definição de políticas públicas para esses indivíduos. Muitos autores têm nomeado de *juventudes* (no plural) no intuito de dar visibilidade às peculiaridades desse grupo etário<sup>6</sup>, numa tentativa de superar as recorrentes homogeneizações dos jovens brasileiros contidas nas leis e programas governamentais<sup>4</sup>.

Neste artigo buscaremos destacar que, para além do reconhecimento jurídico de direitos, existe a necessidade de pensarmos nos jovens enquanto pessoas capazes de intervir e exercer controle sobre suas próprias vidas<sup>7</sup>, constituindo outras formas de participação social, por vezes

semelhantes às consagradas de participar, por vezes diferentes dos tradicionais meios.

Conforme lembra Souza<sup>8</sup>, há problemáticas relativas à desigualdade social que vão além da mera questão econômica. Há uma desigualdade no Brasil que é estrutural e, portanto, histórica. Tratam-se de desigualdades naturalizadas e delineadas em relações intersubjetivas nos espaços cotidianos de interação e que impactam nos processos de construção da participação.

Procuraremos dar visibilidade para os modos de participação social, entendendo-a como *potência de ação*, e que não está dissociada da subjetividade e do contexto de sua produção, configuração: a capacidade de afetar e ser afetado<sup>9</sup>. Buscaremos também compreender como a participação nos grupos onde se deu a inserção do pesquisador suscita formas de pensar a produção de saúde, encontradas pelos próprios sujeitos, buscando revelar como os jovens em contexto de vulnerabilidade têm enfrentado suas dificuldades.

## Métodos

Desde 2012, a UNIFESP tem realizado atividades de pesquisa e extensão na comunidade da Vila dos Pescadores (VP). A Unidade de Saúde tem se constituído, desde então, como principal parceira e articuladora dos projetos executados no bairro. Tem-se na figura do Agente Comunitário de Saúde o profissional que proporciona a inserção de professores e estudantes (iniciação científica, mestrado e doutorado) no campo, garantindo também as etapas de reconhecimento do território.

O referencial da Pesquisa Participante<sup>10-12</sup> tem norteado grande parte desses estudos, ressaltando-se aqui a postura ética do pesquisador e o comprometimento ético-político com a realidade estudada. Para que ocorra a formação ética durante o trabalho de campo, Schmidt<sup>11</sup> postula algumas atitudes, sendo o diálogo, a alteridade e os cuidados na redação do produto de conhecimento antes e depois de sua conclusão, dando *feedbacks* e devolutiva para os participantes da pesquisa. São posturas apontadas também por Fals Borda<sup>10</sup>, que atenta para a importância da historicidade e para rupturas das assimetrias na relação entre sujeito e objeto, clássicas da ciência positivista.

Dessa forma, este estudo inspira-se na pesquisa participante na medida em que se fez necessária a inserção e a participação nas atividades

de pesquisa com os jovens, na medida em que o interesse é produzir um conhecimento *com* eles e não *para* eles. Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa em ciências sociais. Este tipo de abordagem traz em seu escopo o intuito de compreender os fenômenos e a realidade social a partir da historicidade e das relações construídas entre pesquisador e participantes da pesquisa. Assim, torna-se possível interpretar sentidos e significados inseridos em contextos específicos<sup>13</sup>. Este artigo refere-se a uma pesquisa de doutorado, na Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

O instrumento utilizado para a construção dos resultados foi a observação participante. O objetivo era registrar e compreender as relações estabelecidas pelos jovens bem como seus relatos sobre como é viver na comunidade da VP. Para cada visita a campo e observação realizada, era produzido um diário de campo. As observações foram feitas em dois espaços distintos, que serão mais abordados na seção seguinte. O primeiro, uma ONG que atende crianças e jovens da comunidade, indicado por uma Agente Comunitária, ainda à época do mestrado em 2015. O segundo, um grupo de Hip Hop, indicado por um adolescente da ONG. A pesquisa foi realizada com adolescentes e jovens entre 12 e 29 anos de idade<sup>14</sup>.

As observações aconteceram de março a outubro de 2017. Na ONG, elas aconteceram pelo menos duas vezes por semana nos períodos da tarde e manhã. Os alunos do grupo de hip hop realizam suas aulas duas vezes por semana. O pesquisador esteve presente em ao menos um dia da semana no período noturno. Com base nessas observações foram produzidos os diários de campo. Estes, por sua vez, assim como as entrevistas, buscaram contemplar aspectos psicossociais referentes, por exemplo, ao modo como os jovens percebem a comunidade e sua participação nela.

O referencial teórico é o da Psicologia Sócio-Histórica de corrente materialista histórica. O termo foi cunhado por Lane<sup>15</sup>, autora que buscava a elaboração de uma vertente psicológica que rompesse com o sujeito a-histórico presente nas abordagens até então. Trata-se também de uma ruptura com a noção dicotômica entre homem e sociedade, na qual um constitui o outro<sup>15,16</sup>.

No sentido de incrementar o referencial da pesquisa participante recorreu-se à Hermenêutica de Profundidade (HP). Esta metodologia possui três patamares de análise que não se sobrepõem, estando relacionados entre si durante o processo de análise e construção da informação qualitativa. O primeiro patamar se refere à

*análise sócio-histórica*, ou seja, compreensão do contexto social. Está relacionado ao segundo patamar, *análise formal*, que concerne à compreensão de análise de sentidos e significados. Por último, a fase da *interpretação/reinterpretação*, na qual o pesquisador reinterpreta os fenômenos abordados, com base em teorias e outros conceitos, considerando que os fenômenos já foram de antemão interpretados pelos participantes do estudo<sup>17</sup>.

Desse modo, o tópico a seguir trata da análise sócio-histórica, ou seja, far-se-á um breve relato sobre a história da comunidade onde o estudo foi realizado. Estes dados sócio-históricos baseiam-se, sobretudo, nos relatos e observações construídas no trabalho de campo. Na seção Resultados e Discussão encontram-se as fases da análise formal e interpretação/reinterpretação, nas quais, fundamentados nas entrevistas e diários de campo, analisam-se os sentidos e significados referentes à potência de ação dos jovens da Vila dos Pescadores (VP).

### A comunidade Vila dos Pescadores

Cubatão é um dos nove municípios que compõem a chamada Região Metropolitana da Baixada Santista e possuía 117.210 habitantes em 2010<sup>18</sup>. No mesmo ano, a cidade tinha 31% de seus habitantes vivendo em vulnerabilidade muito alta. O índice foi uma tentativa de compreender o desempenho econômico e social dos municípios do estado de São Paulo, levando em consideração a questão da desigualdade.

Conhecida por possuir um dos maiores polos industriais da América Latina, tem na indústria sua principal fonte econômica. A história da VP está vinculada ao processo de industrialização, intensificado nos anos 1960, que atraiu muitos migrantes trabalhadores, sobretudo do Nordeste do Brasil. Grande parte desses migrantes trabalhou nas obras pelas quais passava a cidade. Residiam em alojamentos mantidos pelas empresas. Ao fim das obras, sem recursos para voltar à sua terra, estabeleceram-se nas periferias da cidade<sup>19</sup>.

A vila recebeu este nome, pois foi construída em região de mangue, onde ainda hoje, pescadores realizam pesca artesanal de siris, caranguejos, camarão e peixes. Grande parte do bairro é formada por palafitas, onde por entre as casas se erguem becos estreitos de madeira sobre o mangue. Segundo a Unidade de Saúde do bairro, estimava-se que residiam em 2017 aproximadamente 30.000 pessoas. Não há dados oficiais específicos sobre o bairro.

Quanto mais próximos da margem do rio mais são encontradas as palafitas, onde não há saneamento básico, o fornecimento de luz é clandestino e o descarte do lixo é feito no próprio mangue. O esgoto é a céu aberto. Todas as casas são construídas muito próximas umas das outras e o bairro só possui uma entrada e uma saída<sup>20</sup>.

Crianças e jovens usam de sua criatividade para desfrutar de algum lazer no bairro. Jogam futebol nas praças deterioradas e quase sempre ocupadas por usuários de drogas, nas quais parte da população também descarta o lixo. O bairro possui coleta de lixo, mas quando as caçambas estão lotadas a população descarta os dejetos nos poucos espaços públicos existentes (praças, ruas, becos). É comum que crianças e jovens nadem no rio poluído, praticando saltos da ponte da linha férrea que atravessa o bairro. São comuns, portanto, as doenças de pele nesse grupo.

Há uma creche no bairro, mas com vagas bastante limitadas, o que obriga os responsáveis das crianças matricularem seus filhos em creches de outros bairros. Essa situação faz com que muitos jovens, sobretudo as de sexo feminino, tenham que tomar conta de seus irmãos menores (levar à escola e buscar, providenciar a alimentação e higiene) enquanto seus pais estão fora, trabalhando geralmente em serviços mal remunerados: *Ter responsabilidades no lar é algo natural para eles: cuidar dos irmãos mais novos, buscá-los na escola, limpar ou ajudar a limpar a casa. São atividades geralmente corriqueiras na vida desses jovens* (Diário de Campo, 06.06.2017). Não há escolas de ensino fundamental e médio e os jovens precisam se deslocar (aproximadamente 3km) todos os dias para o bairro vizinho: o Jardim Casqueiro, um bairro de classe média alta.

Além da creche, como equipamento público, há uma unidade de saúde. Foi construída nos anos 1980, recebendo o primeiro nome de PAMOS (Posto de Atendimento Médico e Odontológico de Saúde). Ainda hoje as pessoas chamam de PAMOS ou *postinho*, apesar de este trabalhar em Estratégia Saúde da Família há aproximadamente 10 anos.

Desde 2012, quando a UNIFESP iniciou os trabalhos de pesquisa (iniciação científica, mestrado e doutorado) e extensão na Unidade de Saúde, observa-se a ausência dos jovens nesta instituição. Era comum ouvir dos profissionais de saúde que os jovens não procuravam pelo serviço, refletindo assim um distanciamento da instituição dessa população. Este fato levantou o interesse para que pesquisas fossem realizadas com esse grupo. Era também comum ouvir dos

profissionais sobre o envolvimento dos jovens com o tráfico de drogas<sup>20</sup>.

Entre os profissionais da ONG, local de estudo no mestrado e no doutorado, é comum o mesmo tipo de relato. A ONG atende crianças e jovens (cerca de 200 ao todo), moradores do bairro. Atua na comunidade desde 1980 por iniciativa de uma moradora, que hoje trabalha como Supervisora na instituição. Ao perceber a situação das crianças, que viviam pelas ruas, sem alternativas de lazer ou cuidado, passou a dar aulas de reforço e oficinas com contadores de história.

Nos anos 1990 a ONG profissionalizou-se e hoje possui 01 Administrador, 01 Supervisora Administrativa, 01 Psicóloga, 01 Assistente Social e 08 Monitoras, além de voluntários que ajudam a instituição com doações de alimentos, brinquedos, roupas. Na ONG, os jovens ficam durante meio período, tendo duas turmas distintas à manhã e à tarde. Participam de oficinas de artesanato, de apoio psicossocial (com a Psicóloga) e das aulas de informática. Recebe verbas via Secretaria de Assistência Social e de uma grande empresa da área de logística. Atende crianças de 7 a 11 anos e adolescentes de 12 a 17 anos.

O outro espaço onde foram feitas as observações é o do Centro Comunitário. Naquele espaço, jovens possuem um grupo de hip hop, no qual praticam aulas de dança, poesia, *beat box* no período noturno. As aulas são ministradas voluntariamente por dois jovens moradores da comunidade e amantes da cultura hip hop. Os encontros acontecem duas vezes por semana, com duração de três horas. A faixa etária varia de 12 a 29 anos. A inserção do pesquisador neste espaço deu-se por um convite de um jovem da ONG. No grupo de hip hop foram entrevistados 04 jovens.

## Resultados e discussão

Após uma breve descrição do contexto da comunidade onde vivem os jovens, buscaremos nesta seção dar visibilidade para os conteúdos registrados nos diários de campo produzidos a partir das observações e interações com os indivíduos nos espaços da ONG e do grupo de hip hop. A primeira questão era saber sobre como os jovens se sentem morando na Vila dos Pescadores, como interpretam suas vidas em um contexto marcado pela desigualdade social. Dessa forma, acreditamos poder compreender a relação dialética existente entre alguns fatores objetivos e subjetivos<sup>15,17</sup>. A partir dos vínculos estabelecidos nos espaços da ONG e do hip hop tem sido possí-

vel aos jovens a construção de outras referências para suas vidas.

*Não se percebe também uma estima pela VP. Não parece haver uma conexão e uma identificação com o lugar onde moram. Parece haver uma cisão. O hip hop não parece estar associado ao lugar, mas sim a uma forma de construção e manutenção de vínculos e relações intersubjetivas. O que parece lhes dar suporte são as próprias relações que estabelecem entre si no grupo. [...] O forte vínculo de amizade que possuem pode ser o que leva um dos meninos a dizer: somos uma família.* (Diário de Campo, 09.08.2017)

Não importa tanto para os jovens o lugar onde o grupo acontece, mas sim as relações estabelecidas entre si. O sentimento de pertencimento ao lugar se dá pelos vínculos afetivos estabelecidos neste<sup>21</sup>. A cisão entre o lugar de pertença e os próprios jovens também é algo percebido no contexto da ONG, que possui duas sedes. A primeira sede fica localizada na Vila dos Pescadores e é destinada ao atendimento de crianças de 7 a 11 anos de idade. A segunda está localizada no Jardim Casqueiro, bairro de classe média alta vizinho à comunidade. A intenção do projeto da ONG era mostrar outras possibilidades e realidades para os jovens, afastando-os das ameaças do tráfico de drogas, da prostituição, por exemplo.

Tratam-se de projetos nos quais há algum nível participação. Permanece sempre o discurso da salvação dos jovens *dos perigos da rua e do mundo* e, muitas vezes, a ideia de salvação dos jovens pelos próprios jovens. Nos dizeres de Sawaia<sup>22</sup>, é permitido reagir e não agir.

A responsabilização pela transformação da realidade ficaria a cargo de entidades outras, desconhecidas. As dicotomias entre indivíduo e sociedade são, inclusive, relatadas quando se trata da saúde. Há, entretanto, na fala do sujeito, uma percepção de um todo. Esse todo, no caso da saúde, precarizado, faz com que o indivíduo volte suas ações e cuidado para si próprio.

*Você sabe que a situação do Brasil num é das melhores? Então assim, cara, a gente vive num local que, tem que ter, tem que ter a cabeça certa, entendeu? Num tem pra onde fugir. [...] Cubatão está sem hospital. [...] Então, a gente tem que se tratar, cara. Eu digo se tratar, assim, se você ficar, você procurar fazer o seu, somente o seu sem se preocupar com o dos outros, que eu digo dos outros, um exemplo aqui: eu não perdi nada na rua, duas horas da manhã, entendeu? [...] Deus o livre entra uma viatura, entendeu, aí um conflito aí, aí toma um tiro perdido. Ou no caso eu tô num baile funk, num descuido acabo tendo relação com uma pes-*

*soa que eu não sei da onde que veio, posso pegar o vírus HIV, entendeu? Então, tipo, a gente tem que ser cabeça até nisso. A gente tem que ter as escolhas certas, entendeu? [...] Então a gente também tem que fazer a nossa parte, o nosso papel a ser cumprido, entendeu?* (Entrevista do A, 22 anos, professor do Hip Hop)

O jovem reflete sobre o desamparo sentido no âmbito da saúde. Cubatão passava por uma crise financeira em que se viu obrigada a encerrar as atividades do hospital público. Durante os meses de agosto a outubro de 2017, as Unidades Básicas de Saúde tiveram sua capacidade de atendimento reduzida devido ao término de contrato com a Organização Social que gerenciava os recursos humanos e contratava algumas especialidades, como médicos, enfermeiras, agentes de endemias, auxiliares de enfermagem e gestores. Esta situação reflete a precarização dos serviços públicos de saúde.

Embora o jovem, quando menciona o hospital associado à ideia de saúde, esteja falando de certa concepção biológica do conceito, traz também a ideia de como as pessoas da VP vivem em um contexto imediatista (presentista) de sobrevivência. O presentismo faz com que as classes populares mobilizem suas energias vitais, com base em experiências passadas de sofrimento e adoecimento, no sentido de provisão (o agora) e não de previsão (futuro)<sup>7</sup>.

Algumas vivências relatadas pelos jovens aparecem relacionadas à potência de padecimento<sup>20,22</sup>, havendo preponderância dos afetos e paixões tristes que constroem a potência de ação dos indivíduos, sendo que muitas vezes estes se consideram como os principais responsáveis por seus sofrimentos. Cabe ressaltar que, apesar disso, são projetos que possuem o potencial, seja pelo rap, seja na ONG, de produzir reflexões críticas a cerca da desigualdade social. São modos encontrados de construção de autonomia e controle sobre a própria vida. Os projetos que conseguem, de uma maneira ou de outra, constituem-se como espaços que viabilizam a participação, a troca de experiências, sentimentos, algo que a unidade de saúde ainda não conseguiu contemplar.

*[...] muita molecada lá, os meus alunos do beat box, antes deles estarem lá, entendeu, eles muitas vezes estavam na rua, eu já cheguei a ver aluno meu, antes de ser aluno meu, na rua, tipo 23 horas, isso galera de 13, 12 anos, entendeu? E depois disso não.* (Entrevista de A, 22 anos, professor do Hip Hop)

*[...] dançar é algo que eu amo, quando eu fico sem dançar, tipo, é como se eu vivesse num espaço*

onde, sei lá, eu num consigo me encontrar em lugar nenhum, é como se eu estivesse andando em uma linha reta sem saber onde quero chegar. (Entrevista de W, 18 anos, aluno do Hip Hop)

Estes processos de construção de vínculos de amizade trazem à tona a concepção de apoio social<sup>7</sup>. O apoio social envolve processos de reciprocidade e comportamentos positivos entre indivíduos/grupos que se auxiliam materialmente, emocionalmente, permitindo que se tenha maior controle e autonomia sobre a própria vida. Como diz Valla<sup>7</sup>: “[...] o apoio social contribui para manter a saúde das pessoas, pois desempenha uma função mediadora”.

Em meio às adversidades e atenuação das desigualdades em contextos cada vez mais competitivos, vulneráveis e violentos, os jovens parecem apontar para a construção de outro mundo possível, resgatando a dimensão da solidariedade. Apontam para a noção de bons encontros, encontros que aumentam sua capacidade de ação a partir de afetos positivos, que mobilizam os indivíduos a continuarem se esforçando em prol de suas existências e da coletividade<sup>23</sup>.

*O jovem (13 anos) disse que não curte viver. Isso chocou os outros jovens. Perguntaram indignados como alguém pode não gostar de viver. E sorrindo ele disse que a única coisa que faz com que ele sinta vontade de viver são seus amigos, citando os nomes (todos pertencem ao grupo de hip hop). O jovem fala sobre um tipo de participação social relacionada a vínculos afetivos e à noção de amizade, bons encontros. (Diário de Campo, 06.06.2017)*

Os bons encontros são capazes de potencializar os sujeitos em suas experiências comunitárias e coletivas. Os trabalhos nos projetos sociais não parecem dar ênfase naquilo que supostamente falta aos jovens, o que requereria uma hierarquia moral, mas sim em, como dizem Strappazon e Maheirie<sup>24</sup>: “[...] sua potência, pautada no encontro como composição dependente de todos que ali estão envolvidos”.

Entretanto, a construção de referências através dos grupos, especificamente o de hip hop, é permeada pelos anseios dos adultos, quase sempre representado pelos familiares e também profissionais da ONG, que ainda enxergam na juventude o risco, a ameaça e, portanto, a necessidade de controle e tutela. São ideias que acabam por reforçar relações assimétricas<sup>17</sup> e que se refletem, por exemplo, na instabilidade da participação de alguns jovens no grupo de hip hop devido ao fato de seus responsáveis não acreditarem que o envolvimento nesse tipo de cultura “traga algum futuro”.

*O povo daqui é muito mente fechada, sabe? Eles vê isso como algo que num é tão bom. [...] Mente fechada é, tipo, o pensamento, tipo: ah, aquilo ali num dá futuro, aquilo ali num é tão legal. (Entrevista do N, 19 anos, professor do Hip Hop)*

Sofrem pressão para que deixem de frequentar o grupo, muitas vezes sendo proibidos de participar. Daí decorre um processo de insistência para provar aos responsáveis e às pessoas na comunidade que a participação no grupo é algo positivo e transformador. É possível que a desconfiança por parte dos responsáveis também se refira ao fato de que o grupo é totalmente administrado por jovens. Isso está presente em seus relatos: “[...] o grupo ainda é muito novo, as pessoas muito jovens ainda, então a gente não tem muita oportunidade. (Entrevista do C, 18 anos, aluno do Hip Hop)

Embora tenhamos ressaltado as potencialidades, estas convivem contraditoriamente com situações emblemáticas. Crianças e jovens são sempre sujeitos do outro, sujeitos do arbítrio dos adultos<sup>6</sup>. A participação nos grupos citados traz outras possibilidades, mas estas continuam a conviver com tais contradições. Leis garantem direitos e protegem crianças e jovens. No caso da Vila dos Pescadores, crianças e jovens são sujeitos do arbítrio de adultos que, muitas vezes, também possuem direitos violados. É um cenário de desproteção e de vínculos que lutam constantemente para não se tornarem mais frágeis.

Considerar jovens como sujeitos de direitos os coloca em situação de igualdade com todos os demais cidadãos. Entretanto, permeando a ideia de proteção está implícita a de incompletude desses indivíduos, ou seja, de que não estão plenamente prontos para o exercício de sua cidadania. Se por um lado a proteção garante responsabilidades do Estado, família e sociedade, por outro, retira direitos e oblitera a capacidade de crianças e jovens agirem por si próprios. São sempre mantidos em regime de tutela e controle.

Além disso, a ideia de incompletude parece se acentuar na Vila dos Pescadores. Segundo Castro<sup>6</sup>, esta ideia está associada ao desenvolvimento intelectual, físico, emocional. Dos jovens da comunidade estudada é exigido constantemente que encontrem canais para superarem a sua própria condição de incompletude o mais rápido possível. Precisam cedo entrar no mercado de trabalho para ajudar a família e não podem perder tempo com atividades como o hip hop. Mesmo a ONG convive com essa situação, quando os pais retiram os filhos do projeto para que estes possam ter tempo livre para trabalhar.

Superar a condição de incompletude é superar a de ser descartável. Sempre existiram as preocupações que hoje permeiam o discurso sobre crianças e jovens, sobretudo no âmbito dos direitos. Como crianças e jovens representavam uma ameaça social e não se vislumbrava a continuidade societária, eram descartáveis<sup>6</sup>.

As políticas voltadas aos jovens parecem bastante interessadas em controlar ao máximo possível o tempo livre desses sujeitos de modo a socializá-los segundo a lógica produtivista do capitalismo. O ócio é perigoso<sup>4</sup>. Entretanto, na Vila dos Pescadores, o que grande parte dos meninos e das meninas mais possuem é tempo livre, pois suas famílias não dispõem de muitos recursos para que esse tempo seja ocupado. Gastam seu tempo com jogos online, brincadeiras na rua, futebol, dança, baile funk, até mesmo o grupo de hip hop e a ONG. Só que não são todos que participam das atividades da ONG e dos grupos existentes. Alguns acabam por se envolver no mundo do crime, o que reforça para a comunidade a ideia da necessidade de domesticação do tempo ocioso dos jovens.

Muitos acreditam que é preciso “tirar o jovem da rua”. Essa expressão traduz a ideia de que é preciso ocupar os jovens em atividades tidas como produtivas. As atividades acabam por ser pensadas por adultos, no caso da ONG, o que muitas vezes desencadeia o desinteresse dos jovens pelas atividades, comparecendo a esta, sobretudo ou porque os pais obrigam ou porque gostam do tempo ocioso na instituição para fazer o que não podem fazer em casa: ver TV, ouvir música, usar o computador, jogar pingue pongue.

Parece haver um interesse em se colonizar o tempo ocioso dos jovens, mas ninguém nunca lhes pergunta como querem fazer isso e se querem fazer. Quase sempre essa colonização é feita através de atividades desinteressantes sem conexão com suas realidades. A opção pelo “fazer nada” é uma afronta na comunidade, indício da preguiça e do demérito que mais tarde pode culminar (ameaça), na visão de adultos e até de alguns jovens, no envolvimento com o crime e na gravidez precoce.

Embora leis como a do Estatuto da Criança e do Adolescente possam garantir direitos de maneira universal, na prática acaba por selecionar os mais vulneráveis em ações setoriais isoladas<sup>6</sup>. Este resultado foi encontrado na pesquisa de mestrado, na qual se constatou pouco diálogo e articulação das instituições responsáveis pelo atendimento de jovens: escola, ONG, unidade de saúde e projeto de capoeira<sup>20</sup>.

O reconhecimento jurídico dos direitos se faz necessário, uma vez que vivemos em uma democracia alicerçada nos princípios de liberdade, igualdade. Entretanto, existem dimensões que somente a garantia de direitos não tem conseguido atingir. Fala-se, por exemplo, em direito à saúde, direito de ir e vir, direito à moradia. Todas são conquistas humanas, mas que expressos na letra de lei podem dar a impressão de que avançamos o suficiente e a luta se encerrou. Os jovens querem ser reconhecidos muito mais que por seus direitos, já garantidos em leis. Desejam ser reconhecidos por serem gente, cidadãos, pessoas que possuem uma subjetividade delineada em um contexto marcado pela desigualdade social.

Souza<sup>8</sup>, retomando os estudos de Charles Taylor sobre dignidade e reconhecimento, ressalta que este concerne [...] *à relação entre o compartilhamento de uma economia emocional e moral contingente à possibilidade de reconhecimento social para indivíduos e grupos: para que haja eficácia legal da regra de igualdade é necessário que a percepção da igualdade na dimensão da vida cotidiana esteja efetivamente internalizada*. Em outras palavras, o reconhecimento do outro como gente antecede ao reconhecimento jurídico de seus direitos.

Os moradores da Vila dos Pescadores convivem em seu cotidiano com a violação de inúmeros direitos. Para a juventude esta situação se acentua devido à ideia de controle, tutela, descartabilidade. Souza<sup>8</sup> nos traz elementos importantes para pensar a construção histórica da desigualdade social brasileira. Os jovens da comunidade trazem as marcas perversas dessa desigualdade, sendo vistos pelo conjunto da sociedade como menos gente. Situações constrangedoras de enquadramento pela polícia são comuns e bastante vividas por esses indivíduos, das quais sempre esperam o pior.

*O jovem professor do hip hop contou um episódio bastante emocionado de quando o beat box lhe proporcionou reconhecimento. Anos atrás estava a praticar o beat com seu amigo em uma praça na comunidade. Era fim de tarde quando a polícia iniciou algum tipo de operação na Vila e ele e seu amigo resolveram voltar para casa. Um pouco constrangidos, devido à presença de policiais, continuaram, enquanto caminhavam de volta para suas casas, a praticar o beat box em um volume mais baixo. Contudo, um policial por quem passaram conseguiu ouvir e os abordou. Naquele momento ele e seu amigo ficaram apreensivos. Entretanto o policial elogiou os dois e eles ficaram bastante aliviados e satisfeitos por serem reconhecidos através*

*de sua cultura.* (Diário de Campo, 09.08.2017)

A associação entre juventude e violência é ideológica e histórica, conforme apontam Trassi e Malvasi<sup>25</sup>. Devido ao conhecimento desse fato os jovens ficaram apreensivos quando da abordagem do policial, que sempre é feita de modo abusiva, causando constrangimentos. A comunidade, sobretudo os jovens, vive concomitantemente com a violência praticada pelo Estado e o poder coercitivo do tráfico, que se constitui como a exacerbção do capitalismo e do neoliberalismo<sup>26</sup> e ocupa lacunas deixadas pelo próprio Estado.

A ONG e o grupo de hip hop buscam lutar contra a inserção dos jovens no tráfico: [...] *a gente tá aqui pra combater o lado negativo. Eles vem pesado, a gente vem mais ainda, essa é a arte.* (Entrevista de A, 22 anos, professor do Hip Hop). O envolvimento de jovens no tráfico pode desencadear o sentimento de impotência, de paralisia. Contudo, os jovens constroem estratégias contra o fenômeno.

*A resposta da monitora da ONG foi enfática: “Está na biqueira”. Eu paralisei. Fiquei extremamente chateado. Na hora de ir embora, já sozinho no carro, chorei. Tal como faço hoje com os jovens, joguei muito pingue pongue com esse garoto, que hoje está com 17 anos, na época do mestrado. O radinho, a mochila e a vergonha ao ver os funcionários da ONG, abaixando a cabeça, indicam que está mesmo no tráfico. Fiquei me perguntando o que aconteceram aos sonhos desse garoto de se tornar um jogador de futebol e de ir morar em um bairro ou cidade melhores.* (Diário de Campo, 23.06.2017)

As contradições constituem os processos sociais. Aprender e compreender as contradições é uma maneira de romper com a mera reprodução de ideias e comportamentos tidos como naturais<sup>15,17</sup>. Os grupos (ONG e hip hop) atuam em meio às contradições possibilitando algumas apreensões e compreensões, pois, em certa medida, eles são a própria contradição em um mundo cada vez mais individualizado, onde as relações sociais são construídas em detrimento do coletivo. Nos grupos, como vimos, está presente a noção de amizade e possibilidades de construção de outras referências para suas vidas, a partir do encontro com outros jovens que vivem realidade semelhante.

### Considerações finais

Os resultados mostram a potência das formas de participação social criadas pelos jovens. Estas concernem, principalmente, ao enfrentamento das consequências da desigualdade em espaços comunitários possibilitado pela ONG e grupo de hip hop. Apontamos à importância de se realizarem estudos com jovens levando em consideração seus modos de sociabilidade, subjetividade e participação social, no sentido de dar visibilidade a tais questões, buscando-se formas de construção do conhecimento conjunta em espaços formais, mas também informais, muitas vezes criados pelos próprios jovens. Constitui-se ainda um desafio e afirmamos a relevância de, além de se elaborar políticas públicas com os jovens, é também relevante produzir ciência e conhecimento com eles.

## Colaboradores

DM Anhas foi responsável pelo estudo, trabalho de campo e levantamento bibliográfico. DM Anhas e CR Castro-Silva contribuíram na redação do artigo e análise dos resultados.

## Referências

1. Escorel S, Moreira MR. Participação Social. In: Giovannella L, Escorel S, Lobato LVC, Noronha JC, Carvalho AI, organizadores. *Políticas e Sistema de Saúde no Brasil*. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2012. p. 853-883.
2. Boghossian CO, Minayo MCS. Revisão sistemática sobre juventude e participação nos últimos 10 anos. *Saude Soc*. 2009; 18(3):411-423.
3. Brasil. Ministério da Saúde (MS). *Diretrizes nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde*. Brasília: MS; 2010. [acessado 2016 Jun 25]. Disponível em: <https://goo.gl/luSfN>
4. Horta NC, Sena RR. Abordagem ao adolescente e ao jovem nas políticas de saúde no Brasil: um estudo de revisão. *Physis* 2010; 20(2):475-495.
5. Sposito MP, Carrano PCR. Juventude e políticas públicas no Brasil. *Rev. Bras. Educ.* 2003; (24):16-39.
6. Castro LR. Ir além dos direitos? Emancipação e política no campo da infância e juventude. *Saúde e direitos humanos* 2011; 7(7):147-158.
7. Valla VV. Redes sociais, poder e saúde à luz das classes populares numa conjuntura de crise. *Interface (Botucatu)* 2000; 4(7):37-56.
8. Souza J. A gramática social da desigualdade brasileira. *Rev. bras. Ci. Soc.* 2004; 19(54):79-96.
9. Sawaia BB. Participação Social e Subjetividade. In: Sorrentino M, organizador. *Ambientalismo e participação na contemporaneidade*. São Paulo: Educ/Fapesp; 2001. p. 115-134.
10. Fals Borda O. Aspectos Teóricos da Pesquisa Participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular. In: Brandão CR, organizador. *Pesquisa Participante*. São Paulo: Brasiliense; 2006. p. 42-62.
11. Schmidt MLS. Pesquisa participante e formação ética do pesquisador na área da saúde. *Cien Saude Colet* 2008; 13(2):391-398.
12. Moraes RCP, Anhas DM, Mendes R; Frutuoso MFP, Rosa KRM; Castro-Silva CR. Pesquisa participante na Estratégia Saúde da Família em territórios vulneráveis: a formação coletiva no diálogo pesquisador e colaborador. *Trab. educ. saúde* 2017; 15(1):205-222.
13. Minayo MCS, Deslandes SF, Cruz Neto O, Gomes R. *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes; 1994.
14. Brasil. Lei nº 12.852, de 5 de Agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude – SINAJUVE. *Diário Oficial da União* 2013; 06 ago.
15. Lane STM. A psicologia social e uma nova concepção do homem para a psicologia. In: Lane STM, Codo W, organizadores. *Psicologia Social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense; 2004. p. 10-19.
16. Castro-Silva CR, Kahhale EMSP, Dias MDA, Martin STF. Psicologia Sócio-Histórica e Saúde: contribuições para práticas na Atenção Primária. In: Martin STF, organizadora. *Psicologia Sócio-Histórica e contexto brasileiro: interdisciplinaridade e transformação social*. Goiânia: Editoria da PUC Goiás; 2015. p. 51-71.

17. Thompson JB. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes; 2011.
18. Índice Paulista de Vulnerabilidade Social (IPVS). [acessado 2017 Out 15]. Disponível em: <http://www.indices-illp.al.sp.gov.br/view/pdf/ipvs/mun3513504.pdf>
19. Anhas DM. *Participação social, afetividade e subjetividade: as vivências de jovens moradores da Vila dos Pescadores em Cubatão/SP* [dissertação]. Santos: Universidade Federal de São Paulo; 2015.
20. Anhas DM, Castro-Silva CR. Sentidos atribuídos por adolescentes e jovens à saúde: desafios da Saúde da Família em uma comunidade vulnerável de Cubatão, São Paulo, Brasil. *Saude Soc.* 2017; 26(2):484-495.
21. Amaro JP. Sentimento Psicológico de Comunidade: uma revisão. *Aná. Psicológica* 2007; 25(1):25-33.
22. Sawaia BB. *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Rio de Janeiro: Vozes; 2011.
23. Chauí M. *Desejo, paixão e ação na ética de Espinosa*. São Paulo: Companhia das Letras; 2011.
24. Strappazon AL, Maheirie K. “Bons encontros” como composições: experiências em um contexto comunitário. *Arq. bras. psicol.* 2016; 68(2):114-127. 2016.
25. Trassi ML, Malvasi PA. *Violentamente Pacíficos – desconstruindo a associação juventude e violência*. São Paulo: Cortez; 2010.
26. Feffermann M. *Vidas arriscadas: o cotidiano dos jovens trabalhadores do tráfico*. Petrópolis: Vozes; 2006.

---

Artigo apresentado em 13/10/2017

Aprovado em 26/02/2018

Versão final apresentada em 15/06/2018